economia

Ibovespa passará a incluir empresas listadas no exterior

Nova regra permitirá a entrada de BDRs de companhias brasileiras

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

B3/DIVULGAÇÃO/JC



Alteração pode incluir Nubank, XP, Inter e JBS no principal índice da Bolsa

O Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores brasileira, passará a abrir espaço para empresas nacionais que decidiram negociar suas ações no exterior. Em uma mudança anunciada ontem, a B3 informou que permitirá, de maneira inédita, a inclusão de Brazilian Depositary Receipts (BDRs) na composição do indicador a partir de maio de 2027. Se as novas regras já estivessem em vigor, Nubank, XP, Banco Inter e JBS estariam entre as companhias com possibilidade de integrar a carteira.

A novidade representa a primeira alteração metodológica do Ibovespa desde 2013 e busca atualizar o principal termômetro do mercado acionário brasileiro diante de uma realidade cada vez mais comum: empresas com operações concentradas no País, mas que optaram por abrir capital em bolsas estrangeiras.

Na prática, os BDRs são certificados negociados no Brasil que representam ações de companhias listadas no exterior. Eles permitem que investidores tenham acesso a esses papéis em reais, sem precisar enviar dinheiro para fora do País. Até agora, porém, o Ibovespa considerava apenas ações e units negociadas diretamente na B3.

"O Ibovespa é a principal referência do nosso mercado acionário e sua metodologia precisa acompanhar a evolução desse mercado. A inclusão dos BDRs de empresas brasileiras representa um avanço nesse sentido", afirmou o vice-presidente de Produtos e Clientes da B3, Luiz Masagão, durante coletiva de imprensa.

Embora as quatro companhias já atendam às condições consideradas na simulação da bolsa, a presença delas no índice ainda não está assegurada. Isso porque a composição definitiva dependerá das condições de negociação e dos demais critérios avaliados no momento da revisão da carteira, prevista para maio do próximo ano. "Não é nenhuma garantia que elas estarão lá em maio", ressaltou Masagão.

A mudança anunciada pela B3 ocorre em meio a um crescimento expressivo do mercado de BDRs no Brasil. Conforme balanço divulgado pela bolsa na segunda-feira, esses ativos movimentaram R$ 291,6 bilhões entre janeiro e outubro de 2026, volume que já supera em 35,7% os R$ 214,9 bilhões negociados durante todo o ano passado. Somente em outubro, a movimentação chegou a R$ 46,07 bilhões, maior resultado mensal de 2026 e uma alta de 106,8% em relação ao mesmo mês de 2025. Na comparação com setembro, o avanço foi de 39,6%.

O crescimento também aparece na média diária de negócios, que ultrapassou R$ 2 bilhões pela primeira vez em outubro, alcançando R$ 2,19 bilhões. Ao final do mês, a bolsa contava com 816 BDRs disponíveis e 901 mil investidores com pelo menos um desses ativos na carteira.

Empresas deverão comprovar vínculos com a economia brasileira

A entrada dos BDRs não significa que qualquer empresa estrangeira poderá fazer parte do Ibovespa. Para integrar o índice, a companhia precisará comprovar vínculos relevantes com a economia brasileira, mesmo que suas ações estejam listadas fora do País.

Entre os fatores avaliados pela B3 estão a localização dos funcionários e dos principais executivos, a distribuição das receitas, os ativos mantidos no Brasil e o histórico da companhia. A classificação será revisada anualmente.

É por isso que o Mercado Livre, por exemplo, apesar da forte presença no Brasil e de ter BDRs negociados na bolsa brasileira, não estará entre as empresas elegíveis. Segundo Masagão, a companhia não atende a uma exigência relacionada à forma como está registrada no mercado norte-americano, diferentemente das quatro empresas apontadas pela B3.

Outro ponto importante é que não haverá entrada automática no Ibovespa. Assim como ocorre com as ações tradicionais, os BDRs precisarão apresentar um volume mínimo de negociações. Para esse cálculo, serão consideradas exclusivamente as operações realizadas na B3, sem somar a movimentação dos papéis nas bolsas estrangeiras.

A nova metodologia também estabelece que todos os BDRs, somados, poderão representar no máximo 10% da carteira do Ibovespa no momento de cada revisão. O limite acompanha restrições regulatórias aplicáveis a entidades de previdência complementar, permitindo que esses investidores continuem utilizando o índice como referência.

Já o peso individual de cada ativo continuará sendo determinado principalmente pelo valor das ações disponíveis para negociação no mercado, conhecido como free float, respeitando os limites de concentração e liquidez existentes.

Para evitar impactos bruscos sobre os investimentos que acompanham o Ibovespa, a B3 decidiu implementar a novidade em duas etapas. A primeira ocorrerá em maio de 2027, quando os BDRs elegíveis entrarão com apenas metade do peso calculado pela nova metodologia. Isso significa que um ativo que teria participação de 2% no índice, por exemplo, começará representando somente 1%.

A partir de setembro de 2027, será aplicado o peso integral de cada papel, concluindo a transição. O calendário tradicional de revisões da carteira, realizadas em janeiro, maio e setembro, permanecerá inalterado.

Durante a coletiva, Masagão também afastou a interpretação de que a mudança represente uma desistência da B3 de atrair companhias para abrir capital no Brasil. Segundo o executivo, as duas estratégias caminham juntas: ampliar a representatividade do Ibovespa e continuar incentivando empresas a se listarem no mercado nacional.

"O fato de algumas empresas brasileiras estarem se listando lá fora não tira delas a característica de serem empresas relevantes dentro da economia brasileira", defendeu.

Lucro da B3 cresce 30% no trimestre e renda fixa supera R$ 10 trilhões pela primeira vez

A B3, empresa responsável pela operação da bolsa de valores brasileira, encerrou o terceiro trimestre de 2026 com lucro líquido de R$ 1,63 bilhão, crescimento de 30,5% em relação ao mesmo período do ano passado, quando havia registrado R$ 1,25 bilhão. O resultado foi impulsionado pelo aumento das negociações no mercado de ações, pela expansão dos serviços financeiros e por benefícios tributários.

A receita total da companhia alcançou R$ 3,07 bilhões, avanço de 11,1% na comparação anual. Já o lucro líquido recorrente, que desconsidera efeitos extraordinários, chegou a R$ 1,38 bilhão, alta de 9,9%. A diferença entre os indicadores reflete, principalmente, os benefícios fiscais associados à distribuição extraordinária de juros sobre capital próprio (JCP).

Um dos principais destaques foi a maior movimentação na bolsa. O volume financeiro médio diário negociado em renda variável atingiu R$ 28,6 bilhões, crescimento de 26% em relação ao terceiro trimestre de 2025. Somente as operações com ações avançaram 26,1%, enquanto as negociações com recibos de ações estrangeiras (BDRs) cresceram 63,6%.

Com isso, a receita da B3 com renda variável chegou a R$ 637,9 milhões, alta de 22,9%. O desempenho ajudou a compensar a queda de 3,2% no faturamento com derivativos, que somou R$ 859,2 milhões.

Na apresentação dos resultados, o diretor financeiro da B3, André Milanez, destacou que a diversificação das atividades tem permitido à companhia crescer mesmo diante das oscilações do mercado. "O terceiro trimestre reforçou mais uma vez a força e a diversificação do nosso modelo de negócios", defendeu.

Segundo o executivo, a estratégia é reduzir gradualmente a dependência das atividades mais sensíveis ao cenário econômico, como as negociações de ações, ampliando a participação de serviços de tecnologia, dados e outras soluções financeiras.

Esses negócios, considerados mais recorrentes, registraram crescimento de 15,8% na receita, enquanto as atividades mais ligadas aos ciclos do mercado avançaram 6,4%. "A gente tem que continuar investindo bastante em tecnologia, em busca de eficiência, em atender demanda de cliente, trazer novos produtos", acrescentou Milanez.

Outro marco do trimestre veio do mercado de renda fixa. Pela primeira vez, o estoque de títulos e instrumentos registrados na B3 ultrapassou R$ 10 trilhões, crescimento de 16,1% em relação ao mesmo período de 2025.

O estoque de debêntures, títulos emitidos por empresas para captar recursos, avançou 17,6%. Já o Tesouro Direto encerrou setembro com aproximadamente 3,7 milhões de investidores e aumento de 42,9% no volume médio de recursos aplicados.

O mercado de derivativos também ganhou força. O volume médio diário alcançou 9,9 milhões de contratos, alta de 7%. As opções de Copom, utilizadas para negociar expectativas sobre as decisões da taxa básica de juros, registraram crescimento de 219%.